

O SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL VISTO PELA IMPRENSA ESTADUNIDENSE: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Fabício de Sousa Morais

Aluno do PPGH- UFPE (Doutorado)
fabriciomorais@gmail.com

Introdução

O Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972) foi um evento cívico, realizado durante o Regime Militar (1964-1985), mais especificamente no período em que quem governava o país era o Gal. Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Esse momento foi tomado pelo Estado como um acontecimento chave para divulgar determinada imagem da nação dentro e fora das fronteiras do país. Nessas páginas, busco expor o modo como alguns jornais dos Estados Unidos da América noticiaram as festividades do Sete de Setembro e também como eles enxergavam a nação brasileira.

Vale alertar que não tratarei aqui de uma abordagem que extrapole os usos dos jornais como fontes históricas, portanto, não usarei outros documentos para analisar as festividades. Ater-me-ei, simplesmente, a analisar uma das pontas de um futuro exercício de história comparativa. Pretendo, pois, dar o pontapé inicial a um trabalho mais amplo, que visa perscrutar as possibilidades de estabelecer nexos entre as formas que o Sesquicentenário da Independência foi percebido dentro e fora do país.

O método comparativo tem no cientista social alemão Max Weber (1864-1920) um dos seus principais representantes. A partir da formulação dos tipos ideais,¹ construídos com exemplos históricos, Weber prepara o terreno para montagem de uma análise comparativa entre os povos, pretendendo, assim, encontrar regularidades e singularidades no seu objeto de estudo.

O estudo comparativo mais famoso na obra weberiana é o ensaio **A ética protestante e o espírito do capitalismo** (2001 [1904]). Para demonstrar a especificidade racional do Ocidente, o autor optou por analisar a ética de algumas religiões, “Weber procurou demonstrar a forma como algumas delas exerciam um efeito acelerador sobre a racionalização da vida econômica, enquanto outras exerciam o efeito oposto” (SCHNEIDER; SCHIMITT, 1998, p. 30).

Devo ressaltar que essa não foi a única empreitada desse sociólogo na seara dos estudos comparativos; outra aplicação desse método aparece na conferência, realizada em 1919, intitulada **A política como vocação**. Na mesma, o autor traça um paralelo entre tipos de partidos políticos desenvolvidos na Inglaterra, nos EUA e na Alemanha (Cf. WEBER, 2002, p. 93-103), cabendo ainda algumas referências esparsas sobre o oriente e uma citação sobre a América Espanhola.² Weber destrincha a maneira pela qual cada um destes países montou seus sistemas partidários. A ideia central é advogar que o móvel da política deve ser a racionalização. Os políticos devem agir de maneira racional dentro de um aparato administrativo também pautado na racionalidade.

No que diz respeito aos domínios de Clio, Marc Bloch (1886-1944), um dos fundadores do Movimento dos Annales (1929), tinha uma preocupação bastante grande com os estudos comparativos. No seu **Apologia da História** (2001, p. 65 e p. 109), afirma: “não existe conhecimento verdadeiro sem uma certa escala de comparação”, reforçando mais adiante: “na base de quase toda a crítica inscreve-se um trabalho de comparação”. Bloch sugere que o historiador atente para as semelhanças e as diferenças, se debruce sobre as sociedades vizinhas no tempo e no espaço e não deixe de contrastar as sociedades distantes entre si (cf. BURKE, 1990, p. 30-31).

De acordo com Kocka, “a comparação ajuda a tornar o ‘clima’ da pesquisa histórica menos provinciano” (*apud*. HEINZ; KORNDÖRFER, 2009, p. 13), todavia, é possível entrever alguns problemas nesse tipo de abordagem. Peter Burke (cf. 2002, p. 44-46) alerta que as análises comparativas podem incorrer em pelo menos três graves erros: primeiro, acreditar que existe uma sequência necessária de evolução social; segundo, colocar o Ocidente como a regra e, a partir daí, os outros povos como tendo que se inserir nesse padrão; terceiro, a dificuldade de escolher o que se comparar entre as sociedades, levando em consideração os contextos nos quais se inserem o objeto da comparação.

Para esse artigo, foram utilizados como fonte alguns jornais de reconhecida importância na imprensa dos EUA, cito: **The Hartford Courant** (1764), **The New York Times** (1851) e **The Los Angeles Times** (1881).³ Vale ressaltar que todas as notícias analisadas são provenientes de uma mesma origem: a Associated Press⁴ (AP). Acredito que essa quantidade de documentos, apesar da pequena em número de páginas, é bastante significativa do ponto de vista da imagem veiculada sobre o Brasil, no ano de 1972.

A utilização dos jornais como fontes históricas não é nenhuma novidade, porém, nós últimos anos, o número de trabalhos que se vale dos periódicos para construir suas interpretações vem crescendo bastante. Tania Regina de Luca (2005, p. 138-139, grifos no original) nos mostra algumas das abordagens possíveis que esse tipo de fonte proporciona:

Em síntese, os aspectos até agora destacados enfatizaram **a forma como os impressos chegaram às mãos dos leitores**, sua **aparência física** (formato, tipo de papel, qualidade da impressão, capa, presença/ausência de ilustrações), a estruturação e divisão do **conteúdo**, as **relações que manteve (ou não) com o mercado**, a **publicidade**, o **público** a que visava atingir, os objetivos propostos. Condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que se engatam a contextos socioculturais específicos, que devem permitir **localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que esta não se constitui em um objeto único e isolado**. Noutros termos, **o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa**, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas.

Ainda gostaria de acrescentar, aos diversos caminhos traçados pela citação acima, as colocações de Benedict Anderson (2008, p. 68). Ele revela como o capitalismo editorial foi um dos principais elementos para a construção das sociedades modernas, pois a leitura diária dos periódicos é um verdadeiro ritual das massas, capaz de unir os membros de uma comunidade que não encontram mais no poder divino os laços que ligam uns aos outros, o autor explica a cerimônia da seguinte maneira:

E no entanto cada participante desta cerimônia tem a clara consciência que ela está sendo repetida simultaneamente por milhares (ou milhões) de pessoas cuja a existência lhe é indubitável, mas cuja a identidade é totalmente desconhecida. Além disso, essa cerimônia é incessantemente repetida em intervalos diários, ou duas vezes por dia, ao longo de todo o calendário. Podemos conceber uma figura mais clara da comunidade imaginada secular, historicamente regulada pelo relógio? Ao mesmo tempo, o leitor do jornal, ao ver réplicas idênticas sendo consumidas no metrô, no barbeiro ou no bairro em que mora, reassegura-se continuamente das raízes visíveis do mundo imaginado na vida cotidiana.

A proposta de entender os periódicos como “raízes visíveis do mundo imaginado” é bastante frutífera. Com ela constrói-se um bom norte para pensar como essas publicações se posicionaram perante determinados eventos históricos. Outra perspectiva, que provavelmente extrapola as formulações de Anderson, mas que toma

com base os seus escritos: é a tentativa de averiguar como jornais estrangeiros tratam notícias vinculadas a um país que é seu aliado, só que ocupa uma reconhecida posição de inferioridade nessas relações. Será que essas raízes, nativas de outro tipo solo, encontram condições para se desenvolver ou morrerão por falta de condições de se adaptar a uma terra diferente?

Notícias de uma festa anunciada

No ano das comemorações do Sesquicentenário da Independência, 1972, as relações entre Brasil e EUA eram bastante próximas. Um dos fatores que ajudavam a manutenção dessa aliança era a “ameaça vermelha”, que desde 1959 – ano da Revolução Cubana – se fazia presente no continente americano, sendo reforçada em 1970 – ano em que Salvador Allende (1908-1973) assume o governo do Chile. No contexto da Guerra Fria (1945-1991), evitar que o inimigo avançasse no “seu quintal” era uma parte importante da política internacional estadunidense.

O presidente “do grande irmão do norte” à época era o republicano Richard Milhous Nixon (1969-1974), que, apesar dos horrores da Guerra do Vietnã (1959-1975), não tinha grandes preocupações com a política externa: “a reputação de Nixon não ficou particularmente abalada pela superficialidade da sua visão de política internacional (assim como a de seus assessores), com relação à qual os norte-americanos se importavam relativamente pouco” (LUKACS, 2006, p. 87). As relações entre o Brasil e os EUA só podem ser pensadas dentro desse contexto.

Existiam críticas por parte da potência do norte ao governo brasileiro, o AI-5 (1968) era entendido como “um gigantesco retrocesso na marcha do país para o regime constitucional” (SKIDMORE, 1988, p. 208). Contudo, a grande preocupação dos homens ligados a Casa Branca era com a inserção do comunismo na América Latina, especialmente no Brasil, que ocupava um lugar destaque no continente. Assim, não restam muitas dúvidas de que o restabelecimento da democracia figurava em segundo plano (cf. SKIDMORE, 1988, p. 210; FICO, 2008, p. 35-36).

Nos jornais pesquisados, a primeira notícia que chama atenção é anterior aos dias do festejo do Sesquicentenário, data de 27 de abril de 1972, e tem o seguinte título: **97 million Brazilians love soccer, music** [97 milhões de brasileiros adoram futebol e música]. O objetivo do artigo, publicado no **The Hartford Courant**,⁵ é traçar um breve apanhado do que era o Brasil naqueles dias, além de contar um pouco da

nossa história. Vale ressaltar que tudo é feito de maneira bem superficial, pois todo o texto tem apenas um pouco mais de novecentas palavras. E para começar, nada melhor, do que utilizar aquele que é, provavelmente, o nosso slogan mais comum: “Deus é brasileiro”; elogio em seguida tentar justificar o chavão:

E talvez seja verdade. Onde mais, brasileiros perguntam, há uma terra tão grande, fértil e rica em minerais, abençoada com um clima prazeroso e livre de terremotos, furacões e outros desastres naturais? Onde mais tantas pessoas de raças e religiões diferentes parecem se dar tão bem? Onde mais, dizem eles, haveria um sentimento tão espontâneo para a música, natureza e alegria simples de viver?⁶ (p. 40)

O mito edênico do Brasil está presente desde os primeiros dias em que os povos estrangeiros colocaram os olhos nessas terras. José Murilo de Carvalho (cf. 13 nov. 2010) afirma que, mesmo nos dias atuais, o povo brasileiro coloca como o principal motivo de orgulho de ser brasileiro a natureza exuberante, que, em larga medida, substitui as motivações de orgulho social. Observo, já nas primeiras linhas do artigo do **The Hartford Courant**, a intenção de apresentar para os seus leitores a costumeira idealização do Brasil.

Feita a introdução, a matéria adentra em outro patamar, que discute as questões sociais do país, e uma única frase sintetiza seu ponto de vista: “Um opulento esplendor frequentemente existe lado a lado com uma odiosa miséria”⁷ (97 million Brazilians love soccer, music, 27 abr. 1972, p. 40). Segundo Carvalho (cf. *Ibidem*), as questões sociais aparecem no outro extremo da caracterização do ser brasileiro, elas são percebidas como os motivos de vergonha da população.

Na matéria a caracterização histórica brasileira é feita a partir do “descobrimento” (1500), para, em seguida, fazer menção aos bandeirantes (séculos XVII e XVIII) e chegar à Independência (1822), ressaltando, neste último episódio, que foi o príncipe Pedro o responsável pelo surgimento do Brasil como um país livre. Ao mencionar a morte d. Pedro I (1834), aproveita para fazer um gancho entre 1822 e as comemorações do Sesquicentenário. O destaque é a volta permanente dos restos mortais do primeiro imperador para o Brasil e a realização de um torneio internacional de futebol.

O último parágrafo da notícia aborda o ano de 1964 e faz um balanço do Brasil desde então:

Em 1964 as forças armadas derrubaram um governo civil o qual, segundo eles, estava conduzindo a nação à falência e ao comunismo. No poder desde então, os militares tem tido êxito em organizar as finanças do país – mas a custo de desrespeitar os direitos civis básicos. Centenas de inimigos políticos do regime estão na prisão ou no exílio e há evidências de que a polícia e comandantes militares muito zelosos têm torturado prisioneiros⁸ (97 million Brazilians love soccer, music, 27 abr. 1972, p. 40).

Esta é uma análise bastante centrada dos eventos que se desenrolavam no Brasil de 1972. A face econômica, que, naqueles dias, galopava a um crescimento anual de dois dígitos; e, o outro lado da moeda, o desrespeito aos direitos civis da população, com a utilização da tortura. A mensagem final é de que a situação, apesar do esplendor natural que existe no país, não é das melhores. Nem mesmo a ameaça comunista – a pecha mais perigosa para o estadunidense – é confirmada pelo articulista.

No que tange ao dia das comemorações apenas três notas foram encontradas. A primeira, intitulada **Brazil to free thousands to mark Independence day** [Brasil liberta milhares para marcar o dia da Independência] (6 set. 1972, s/p), publicada no **The New York Times**.⁹ Trata da “liberação de qualquer réu primário condenado a quatro anos ou menos que tenha cumprido, com boa conduta, pelo menos, um terço de sua pena até quinta-feira, dia da Independência”.¹⁰ Os presos que não se encaixavam nesse perfil também foram beneficiados com “cortes nas sentenças que variam de um terço a um quinto”.¹¹ Essa ação do governo remete aos tempos do Império português e tem na grande festa da aclamação de d. João VI (1818) um dos seus episódios mais marcantes. Nesse momento, o bom rei, que também encarna a figura do bom pai, perdoa os súditos/filhos desobedientes da Revolução de 1817.¹²

As outras duas notas, que possuem os seguintes títulos: **Festivities Mark Brazil's 150 years of Independence** [Festividades marcam os 150 anos da independência do Brasil] (8 set. 1972, s/p) e **Brazil marks 150 years of Independence** [Brasil marca 150 anos de independência] (8 set. 1972, s/p). Dão conta de como foram os festejos na cidade de São Paulo. Como se percebe nas semelhanças entre os títulos, elas são praticamente a mesma notícia só que publicadas em jornais diferentes: a primeira, divulgada pelo **The New York Times** e a segunda foi encontrada no **The Los Angeles Times**.¹³ A coincidência entre os conteúdos não chega a ser um problema, já que os jornais servem a comunidades que se encontraram em lados opostos do país (New York fica próxima do Atlântico norte e Los Angeles fica a poucas dezenas de

quilômetros do Pacífico Norte). Ambas abrem o artigo com a ideia de que o Brasil é o “gigante adormecido” da América Latina; relatam a presença do primeiro ministro de Portugal Marcelo Caetano, responsável pelo traslado dos restos mortais de d. Pedro I; e aludem ao fato de que esse foi o maior desfile cívico da história do país.

Porém, existe uma diferença crucial entre os dois textos. A publicação do **NY Times**, nas suas linhas finais, trata do crescimento econômico conseguido com “uma revolução militar em 1964” e, logo em seguida, deixa a exaltação de lado para criticar o governo Médici – crítica esta muito parecida com a proferida pelo **The Hartford Courant** –, leiamos:

Mas os brasileiros têm pago caro com o virtual desaparecimento das liberdades civis e do direito de divergir. A repressão política continua embora pareça muito mais branda do que aquela praticada quando os terroristas buscavam derrubar o governo no final da década de 1960¹⁴ (Festivities Mark Brazil's 150 years of Independence, 8 set. 1972, s/p).

Nessas últimas linhas transparece como era difícil esconder a falta de liberdade que o Brasil vivenciava durante aqueles dias. Todavia, a hora era de festejar e ao pensar em termos comparativos o artigo coloca o pé no freio e imputa aos homens e mulheres que ousaram discordar do regime o rótulo de terrorista, muito provavelmente, vermelhos, para justificar as ações do governo.

Esconder a falta de liberdade e os demais abusos do governo brasileiro poderia até ser difícil, mas não era impossível. Foi o que fez o **LA Times**, porque nas últimas linhas da matéria não encontramos, como no **NY Times**, nenhuma crítica ao regime militar. Em vez disso aparecem relatos sobre: “o ápice da celebração foi a terça-feira com o retorno dos restos mortais de Pedro I para o Monumento da Independência no Ipiranga nesta cidade”¹⁵ (Brazil marks 150 years of Independence, 8 set. 1972, s/p); e uma menção ao imperador Pedro II, por ter sido o primeiro monarca a pisar em solo estadunidense, visitado motivada pela celebração do primeiro centenário da independência ianque.

Chego ao final do meu artigo com apenas uma conclusão: a de que o estabelecimento de um diálogo com fontes que tem sua origem numa cultura alienígena abre a possibilidade de aumentar o grau de compreensão de objeto de estudo. Assim, no meu caso, atentar para outros estrangeiros, como Portugal e Espanha, por exemplo, torna a minha viagem pelo Sesquicentenário da Independência do Brasil mais instigante do que outrora.

Fontes:

97 million Brazilians love soccer, music. In: **The Hartford Courant**, 27 abr. 1972, p. 40

Brazil marks 150 years of Independence. In: **The Los Angeles Times**, 8 set. 1972, s/p.

Brazil to free thousands to mark Independence Day. In: **The New York Times**, 6 set. 1972, s/p.

Brazil's 150 years of Independence. In: **The New York Times**, 8 set. 1972, s/p.

Bibliografia:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia**: a escola dos Annales (1929-1989). Tradução de Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 1990.

_____. **História e teoria social**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: UNESP, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. In: **Revista brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo: v. 13, n. 38, Out. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2010.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

FICO, Carlos. **O grande irmão**: da Operação *Brother Sam* aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Flávio M, HEINZ; Ana Paulo, KORNDÖRFER. Comparações e comparatistas. In: Flávio M, HEINZ (org.). **Experiências nacionais, temas transversais**: subsídios para uma história comparada da América Latina. São Leopoldo – RS: Oikos, 2009.

H.H. Gerth; C. Wright Mills. Introdução: o homem e sua obra. In: _____ (org.). **Max Weber**: ensaios de Sociologia. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

LUKACS, John. **Uma nova República**: história dos Estados Unidos no século XX. Tradução de Vera Galante. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SCHNEIDER, Sergio; SCHIMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. In: **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. 3 ed. Tradução de Mario Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Iara Lis Carvalho. **Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo (1780-1831)**. São Paulo: UNESP, 1999.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. A política como vocação. In: _____. **Ciência e Política: duas vocações**. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2002.

Notas:

¹ Esse conceito é explicado por H.H. Gerth e C. Wright Mills (1982, p. 78): “O discutido ‘tipo ideal’, expressão-chave na discussão metodológica de Weber, refere-se à construção de certos elementos da realidade numa concepção logicamente precisa. A palavra ‘ideal’ nada tem com quaisquer espécies de avaliações. Com finalidades analíticas, podemos construir tipos ideais de prostituição ou líderes religiosos. A expressão não significa que profetas ou prostitutas sejam exemplares ou devam ser imitados como representantes do modo de vida ideal”.

² A título de curiosidade tomo a liberdade de transcrever a menção, nada honrosa, por sinal, feita por Weber (2002, p. 72): “Nos territórios das antigas colônias espanholas, as tais ‘eleições’ e as tais ‘revoluções’ não tiveram outro objetivo se não o de dispor da vasilha de manteiga de que os vencedores esperavam servir-se”.

³ O acesso a esses periódicos só foi possível graças a disponibilização dos arquivos on-line através do Proquest (<http://www.proquest.com.br>). Esse site abriga centenas de jornais completos, bem como outros tipos de periódicos. Só que nem tudo são flores nesse universo digital, tendo em vista que os artigos são pagos e o preço é relativamente alto, \$3,75 por matéria, independente da quantidade de palavras. Outro problema é que as matérias são recortadas do seu suporte original, com isso não é possível analisar o lugar que a notícia ocupava na composição da página do jornal.

⁴ Fundada em 1846, tem sua sede em Nova York, é uma das maiores agências de notícias do mundo. Atua, hoje em dia, em mais de 300 lugares ao redor do globo.

⁵ Jornal da cidade de Hartford, capital do estado de Connecticut. Ostenta o título de ser mais “velho do que a nação”.

⁶ Todas as traduções são de minha inteira responsabilidade. No original: “And maybe it’s true. Where else, Brazilians ask, is there a land so big, fertile and rich in minerals, blessed with pleasant weather and free from earth-quakes, hurricanes and other natural disasters? Where else, do so many people of differing races and religions seem to get along so well? Where else, they say, is there such spontaneous feeling for music, nature and the plain joy for living?”

⁷ No original: “Opulent splendor often exists side-by-side with abject misery”

⁸ No original: “In 1964 the armed forces threw out a civilian government they claimed was leading the nation to bankruptcy and communism. In power since then, the military has succeeded in straightening out the country’s finances – but at the cost of suspending basic civil rights. Hundreds of political enemies of the regime are in jail or exile, and there is evidence that overzealous police and military commanders have tortured prisoners”.

⁹ Jornal da cidade Nova Iorque, a cidade mais populosa do EUA, é também a capital do estado de Nova Iorque.

¹⁰ No original: “President Médici ordered the release of any first offender sentenced to four years or less who had served, with good conduct, at least one-third of his term by Thursday, independence day”.

¹¹ No original: “... cuts in sentences ranging from one-third to one-fifth”.

¹² O livro de Iara Lis Carvalho Souza, **Pátria coroada** (1999), discute com precisão os ritos da realeza portuguesa e, posteriormente, brasileira. Bem como, retrata os anseios do Movimento de 1817, especialmente a parte dois do capítulo dois, intitulada: Pernambuco as cores da República (p. 65-75).

¹³ Jornal da cidade de Los Angeles, no estado da Califórnia, é a segunda maior cidade do país.

¹⁴ No original: “But Brazilians have paid with the virtual disappearance of civil liberties and the right to dissent. Political repression continues although it appears milder than practiced when terrorists sought to overthrow the government in the late 1960’s”.

¹⁵ No original: “The high point of the celebration was the return Tuesday of the remains of Pedro I to the Ipiranga Independence Monument in this city”.